

Pesquisa apresenta avanço promissor contra HIV

Estudo da Unifesp combina terapias e vacinas experimentais e aponta resultados positivos

Por Ana Laura Gonzalez

Pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) publicaram na *Journal of Infectious Diseases* resultados promissores em estudos voltados à cura do HIV. Conduzido pelo médico Ricardo Sobhie Diaz, o trabalho envolveu protocolos combinados de tratamento e registrou testes 100% negativos em um dos voluntários.

Segundo Sobhie, a pesquisa utilizou uma estratégia multifacetada, incluindo intensificação das doses de antirretrovirais, alteração nos ciclos de ativação do vírus, reposição de células infectadas e aplicação de vacinas terapêuticas. O objetivo é superar a limitação do tratamento atual, que garante a “cura funcional” do HIV, mantendo o vírus indetectável e prevenindo a progressão para Aids, mas sem eliminá-lo com-

pletamente do organismo.

“Mesmo com o controle do vírus, os pacientes continuam a apresentar inflamações e danos celulares, um ambiente interno que acelera o envelhecimento e aumenta o risco de comorbidades”, explicou Sobhie. Ele afirmou que a equipe pretende aprofundar a análise do caso que apresentou resultado negativo total, além de avaliar os efeitos combinados das diferentes estratégias em relação à carga viral.

O trabalho científico reforça a relevância das pesquisas para um futuro em que o HIV possa ser erradicado. Para pessoas que vivem com o vírus há décadas, como Luis Otávio Baron, presidente da ONG Eternamente Sou, os avanços representam esperança, mas não substituem os cuidados contínuos. Diagnosticado há 37 anos, ele destaca a evolução do tratamento desde os primeiros

coquetéis com múltiplas doses diárias até as terapias atuais, de administração única e com menos efeitos colaterais.

Cintia Nocentini, assistente social do Centro de Referência e Tratamento de Aids (CRT/Aids) de São Paulo, ressalta que, apesar dos avanços médicos, estigma e preconceito permanecem barreiras significativas. “Muitos não chegam ao diagnóstico ou interrompem o tratamento por vergonha ou medo de julgamentos”, afirmou. O cuidado adequado, segundo ela, protege a saúde do paciente e reduz o risco de transmissão, mesmo sem que seja necessário expor o diagnóstico publicamente.

Eduardo Barbosa, vice-presidente do Grupo Pela Vida, enfatiza a importância da chamada “cura social” do HIV. Diagnosticado em 1994, ele se tornou ativista e participou de pesquisas terapêuticas que

contribuíram para o desenvolvimento e acesso a medicamentos mais eficazes e toleráveis. “A visibilidade e o ativismo foram essenciais para que novas drogas chegassem a todos os pacientes. Hoje, a prioridade é manter o tratamento e buscar avanços que promovam a eliminação do vírus”, destacou.

O impacto do HIV sobre a saúde crônica também é mencionado por quem convive com a doença. Baron relata a necessidade de monitorar hipertensão, inflamações e colesterol, mesmo com a carga viral indetectável. Ele e Barbosa defendem a continuidade dos investimentos em pesquisa para alcançar uma cura definitiva, capaz de prevenir comorbidades associadas à infecção.

Além dos aspectos clínicos, especialistas lembram que a sexualidade ainda é um tema cercado de tabus, o que dificulta prevenção e adesão ao

tratamento. “A maior parte das infecções ocorre por via sexual, mas falar sobre sexualidade continua sendo um desafio na sociedade e nos serviços de saúde”, afirma Cintia. Baron complementa que o autocuidado, que inclui o uso de medicação preventiva, testagem e preservativos, é essencial para proteger tanto a saúde individual, quanto a coletiva.

Embora os resultados da pesquisa da Unifesp ainda sejam preliminares, eles indicam caminhos importantes para a ciência e reforçam a necessidade de políticas públicas que integrem tratamento, prevenção, educação e combate ao preconceito. A expectativa é que futuras investigações ampliem o conhecimento sobre como eliminar o HIV de forma definitiva, promovendo não apenas a sobrevivência, mas a qualidade de vida das pessoas afetadas pelo vírus.



Prevenção ainda é a melhor forma de evitar o vírus

Atletas do Time SP competem em eventos internacionais de judô paralímpico

Atletas do Time São Paulo Paralímpico participam de dois eventos internacionais de judô para pessoas com deficiência visual nesta semana em São Paulo. Nesta terça e quarta-feira (16 e 17), Rebeca de Sousa Silva, Alana Martins Maldonado, Harley Damiano Pereira de Arruda, Elielton Lira de Oliveira e Lúcia da Silva Teixeira Araujo competem no Grand Prix da IBSA, seguido pelo IBSA Judo American Championships, na quinta-feira (18), no Centro Paralímpico Brasileiro.

O Grand Prix da IBSA reunirá 258 judocas de diversos países e é organizado pela Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV), com apoio do

Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). As disputas começam às 9h, com o bloco final e as premiações a partir das 15h em ambos os dias.

Esta é a segunda vez que o Brasil recebe o Grand Prix da IBSA — a primeira edição ocorreu em 2022. A competição é estratégica, pois os resultados valem pontos para o ranking mundial, principal critério de classificação para os Jogos Paralímpicos de Los Angeles 2028. Ao todo, 26 judocas brasileiros foram convocados, incluindo os cinco representantes do Time SP.

Campeonato Americano

Na sequência, o IBSA Judo American Championships reunirá os melhores atletas das



Rebeca de Sousa Silva (branco) durante disputa em Paris

Américas a partir das 10h, com finais programadas para as 14h. O Brasil terá novamente 26 judocas em ação, além de três convocados exclusivamente para o torneio continental.

Após o desempenho considerado positivo no Grand Prix realizado em outubro, a expectativa é que os atletas nacionais mantenham o favoritismo atuando em casa diante

dos principais competidores do mundo e do continente. As competições terão transmissão ao vivo pelos canais da CBDV e da IBSA no YouTube.

Inclusão e esporte

O Time São Paulo Paralímpico, criado em 2011 pelo Governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SEDPD), em parceria com o CPB, conta com investimento de R\$ 8,2 milhões destinados a 155 atletas em diversas modalidades. O programa tem como objetivos fortalecer o esporte paralímpico, promover inclusão e reafirmar o esporte como instrumento determinante de transformação social.